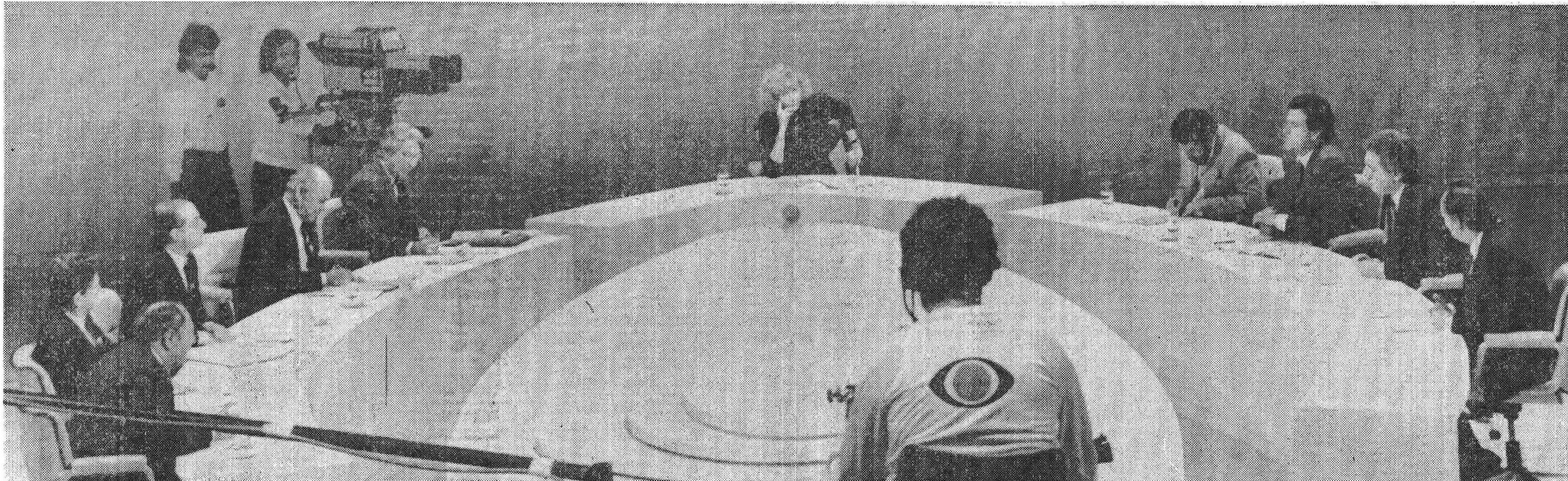




Ana Carolina Fernandes/AE

Os nove presidenciais no debate da TV Bandeirantes: um programa de quatro horas, com baixa audiência e com apenas uma troca de acusações entre Brizola e Caiado

Debate só esquentou nos bastidores

Ao vivo, o encontro foi morno, mas a polêmica tomou conta dos intervalos

MARA ZIRAVELLO

Os melhores momentos do primeiro debate entre os candidatos à Presidência da República, realizado na noite de segunda-feira pela Rede Bandeirantes de Rádio e Televisão, aconteceram durante os intervalos comerciais. Longe das câmaras e do alcance de, em média, 390 mil televisores ligados, um funcionário da casa empenhava-se em evitar uma avalanche de assessores que deixavam a plateia para orientar seus candidatos. A mediadora Mari-
lia Gabriela tentava acalmar os ânimos dos participantes mais afoitos: Ronaldo Caiado (PSD) e Leonel Brizola (PDT), que insistia em ter mais um minuto por ter sido citado "indiretamente" pelo líder da UDR.

Todos falavam juntos, para a agonia dos organizadores que cronometravam o fim dos intervalos. Paulo Maluf (PDS) queria mudar algumas regras, abrindo espaço para apartes. A assessoria de Guilherme Afif Domingos (PL) foi contra, na

certeza de que seu candidato se sai bem melhor em cenários organizados.

PÉROLAS

Na abertura do debate, solicitados a responder qual a primeira providência que tomariam se eleitos presidente, os candidatos aproveitaram para apresentar suas pérolas. "Retomar o desenvolvimento econômico encurtando distâncias so-

ciais existentes entre as pessoas", começou Mário Covas (PSDB). Em outras palavras, Brizola continuou: "Vamos tirar o nosso país deste atoleiro", provocando um bombardeio de frases bem preparadas pelos candidatos seguintes.

"Ninguém pode gastar o dinheiro que não tem", comentou o senador Affonso Camargo (PTB), o candidato mais preocupado em evitar agressões pre-

judiciais a um possível entendimento no segundo turno das eleições. Na mesma linha de raciocínio, Aureliano Chaves (PFL) recomendou a preservação da moeda, diariamente corroída pela inflação: "Quem não distingue não governa, quem não prioriza não administra".

Quando cada candidato teve a oportunidade de dirigir uma pergunta ao adversário de sua escolha, Paulo Maluf afiou

a língua na direção de Mário Covas. "O senhor é a favor ou contra o aborto?" Desta forma, o candidato do PDS cortou a sequência do debate, que passava por grandes soluções econômicas, com uma faca de dois gumes: se a favor, o senador teria a rejeição das correntes religiosas do país, se contra, afastaria adeptos dos movimentos feministas e parte da esquerda que ainda consegue captar com seu discurso.

"Sou contra", antecipou-se Covas. "Mas acho que esse tema, como outros de natureza existencial, é passível de plebiscito", explicou. Satisfeito, Maluf abriu mão do direito de comentar a resposta e não perdeu sozinho os preciosos segundos, pois o senador também passou a palavra adiante. Uma situação inimaginável entre Brizola e Caiado, acompanhado por fiéis seguidores da UDR que aplaudiram o único comentário grosseiro feito diante das câmaras ligadas, dirigido a Roberto Freire (PCB). "Como produtor, eu gero grãos, riquezas para o Brasil. O senhor o que produz como deputado?", atacou Caiado.

SOCORRO

"Olha o nível, gente", implorou Gabriela, estalando os dedos ao pedir socorro aos patrocinadores. No intervalo, Freire manteve a compostura, e Caiado continuou desta vez para todos os presentes: "Vamos

rasgar a seda, isso está parecendo conversa de comadre". Foi o único instante em que ele e Brizola defenderam a mesma posição. A se considerar o efeito do debate sobre os telespectadores (veja matéria de pesquisa), diante dos quais a maioria dos nove participantes mantiveram a postura de presidenciais bem comportados o perdedor foi Aureliano Chaves — mas não houve vencedor, ao menos nenhum capaz de alterar os resultados das enquetes sobre intenções de votos, lideradas por Fernando Collor de Mello (PRN) que, na ausência do programa, fez par com Ulysses Guimarães (PMDB), dono do maior índice de rejeição por parte do eleitorado.

Collor e Ulysses ainda não confirmaram presença no debate entre os presidenciais organizado pela Rede Manchete de Televisão, programado para amanhã às 22h30. O debate da Manchete é promovido pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Ronaldo Caiado (PSD) também não se mostra disposto a comparecer.

Em Brasília, o presidente José Sarney disse, segundo assessores do Palácio do Planalto, que se sentiu injustiçado pelas críticas ao seu governo feitas pelos candidatos. Sarney assistiu ao programa na tarde de ontem, sozinho em seu gabinete, graças a um videotape gravado pela Radiobrás.